

**SINTESE DA RELATÓRIA DO III ENCONTRO FORMATIVO**

Programação dia 26 de agosto de 2013 – segunda-feira

**1° DIA: PRIMEIRAS INTERAÇÕES E ABERTURA OFICIAL**

**1- Atividade de Boas Vindas**

**2- Reuniões CT´s e CBH´s Doce (Federal e Estaduais MG/ES) 3- Reunião CTEM/CNRH**

**4- Boas Vindas – Grupo de Integração CBH Doce**

**5- Formação em EA para a Gestão de Águas – Desafios e Perspectivas**

**Moderadores da Atividade:**

Sérgio Augusto de Mendonça Ribeiro (REATA/CET-Água) e Carmem Lúcia Zaine Menezes (CESP).

Os moderadores deram boas vindas aos participantes e conduziram a dinâmica de apresentações “*Doncovin, Oncotô* *e Proncovô*”. Esta dinâmica se baseiou na premissa que a educação ambiental preconizaum olhar integrado, de contexto. Dessa forma, os moderadores pediram que os participantes achassem um “vizinho”, a pessoa ao seu lado, e se apresentassem, contassem de onde são, como foi a viagem até Ouro Preto, e sua história de atuação na gestão de recursos hídricos. Foi dado um tempo de cinco minutos para cada pessoa da dupla se apresentar. Em seguida, os moderadores pediram que as duplas se levantassem e procurassem outra dupla e se apresentassem a ela. Num terceiro momento, pediu-se que cada grupo (de quatro pessoas) procurasse outro grupo e, além de as pessoas se apresentarem, que dissessem suas expectativas em relação ao evento.

**6- Diálogos de Contexto:**

**Coordenação**: Suraya Modaelli (Presidente do CTEM/CNRH).

**Palestrantes:** Franklin de Paula Júnior (SRHU/MMA), Joema Alvarenga (CBH Doce) e Ricardo Burg Mlynarz (FUNAI).

7

**Os Encontros Formativos Nacionais no contexto do Processo Formativo do**

**Programa IV do PNRH: lições aprendidas, desafios e perspectivas**

**Palestrante:** Franklin de Paula Júnior (SRHU/MMA).

Franklin iniciou com a apresentação com a apresentação de um vídeo e, em seguida, falou do macro contexto do evento, ressaltando que estamos na Década Internacional da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014), no Decênio Internacional “Água Fonte de Vida” (2005-2015), da Década Brasileira da Água, do Ano Internacional de Cooperação pela Água (2013), estabelecido pela UNESCO, e do Plano Nacional de Recusos hídricos, que é um processo de planejamento a longo prazo, que foi elaborado entre os anos de 2003 e 2005 e vem sendo implementado, que tem as ações de educação ambiental e capacitação, comunicação e mobilização.

Apresentou uma breve linha do tempo, indicando a instituição da Política Nacional de Recursos Hídricos (Lei Federal 9433/97) e da Política Nacional de Educação Ambiental (Lei Federal 9795/99); ressaltou o fortalecimento da Educação Ambiental (EA), demanda que partiu principalmente da sociedade civil, e a institucionalização da EA na gestão de recursos hídricos, com a criação da Câmara Técnica de Educação, Capacitação, Mobilização Social e Informação em Recursos Hídricos (CTEM), ligada ao Conselho Nacional de Recursos Hídricos (CNRH). Destacou também o I Seminário/Encontro Formativo de EA no Sistema Nacional de Gerenciamento dos Recursos Hídricos (SINGREH), realizado em Salvador/BA (2009) e o II Encontro Formativo de EA no SINGREH, realizado em Bento Gonçalves/RS (2011).

Em relação aos Encontros Formativos Nacionais de Educação Ambiental e Gestão de Águas, destacou o objetivo geral deles é reunir educadores ambientais, comunicadores e mobilizadores sociais atuantes na gestão de águas do país, a fim de promover a aprendizagem em Educação Ambiental (EA), por meio do diálogo, da troca de experiências, do aporte teórico-conceitual e da formação de multiplicadores, com vistas ao aprimoramento da Gestão Integrada de Recursos Hídricos (GIRH).

Destacou também os objetivos específicos:

* Promover ação catalizadora, valorizando e conferindo sentido comum às iniciativas dialógicas e formativas de EA em curso na gestão de águas do país;
* Promover o fortalecimento e a institucionalização dos Espaços de EA (a exemplo de câmaras técnicas e grupos de trabalho) no Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (SINGREH);
* Desenvolver e atualizar o mapeamento de atores, espaços e ações de EA, DC, COM e MOB no SINGREH, assim como promover o protagonismo e o fortalecimento da base social e institucional atuante em EA na GIRH;
* Promover a percepção dos múltiplos valores e dimensões da água e o sentido de pertencimento às territorialidades hídricas;
* Difundir a percepção do relevante valor socioambiental da água e a sua importância estratégica para o desenvolvimento do país em bases economicamente viáveis, socialmente justas e ambientalmente sustentáveis;
* Promover a reflexão de como a EA contribui para a implementação da GIRH;
* Estimular ação colaborativa e em rede, por meio da troca de experiências socioambientais em Gestão Integrada de Recursos Hídricos;
* Promover espaços de formação e o desenvolvimento de comunidades interpretativas de aprendizagem e ação política em GIRH;
* Promover a implementação de macro diretrizes, ações e prioridades do PNRH relacionadas à Educação Ambiental, Capacitação, Comunicação, Mobilização, Participação Social, Desenvolvimento e Difusão de Tecnologias Sociais em Gestão Integrada de Recursos Hídricos (GIRH);
* Promover a implementação resoluções do CNRH relacionadas à Educação Ambiental, Capacitação, Comunicação, Mobilização, Participação, Desenvolvimento e Difusão de Tecnologias Sociais em Gestão Integrada de Recursos Hídricos (GIRH);
* Estimular atitudes e construir narrativas comprometidas com a Governança Democrática e Sustentável da Água no Brasil.

Destacou ainda a EA no fortalecimento da GIRH:

* Fortalecimento da consciência crítica sobre a problemática ambiental e social das bacias hidrográficas brasileiras;
* Desenvolver capacidades para a prática do diálogo democrático e da cooperação entre os atores da gestão hídrica;
* Desenvolver capacidades e mobilizar a sociedade para atuação qualificada nos processos de formulação, planejamento e implementação da Política de recursos hídricos, assim como nas instâncias colegiadas do Sistema de Recursos Hídricos;
* Ampliação da percepção sobre as várias dimensões da água e os diferentes valores a ela associados;
* Promoção do sentido de pertencimento às territorialidades hídricas (bacias hidrográficas);
* Promoção do enfoque ecossistêmico associado á gestão de águas;
* Valorização da pluralidade cultural e respeito à diversidade social nas instâncias colegiadas de gestão de águas;
* Promoção do diálogo entre os diferentes saberes sobre a água (o técnico-científico, o tradicional ou ancestral, o popular);
* Decodificação de linguagens e produção de conteúdos sobre a gestão hídrica, de acessível entendimento para os diversos públicos.

Em relação ao I Encontro de EA e Gestão das Águas da Bacia do Rio Doce, Franklin destacou o objetivo geral: Promover o diálogo entre os entes federativos (União, Estados e Municípios), envolvendo os diferentes segmentos, instituições e atores que se relacionam com a gestão hídrica, bem como a formação e o intercãmbio de experiências, tendo a Educação Ambiental como eixo integrador, a bacia hidrográfica como unidade e ponto de encontro, e as políticas e planos de recursos hídricos como balizadores deste processo. Serão envolvidos educadores, ativistas e demais atores que atuam na gestão de águas da Bacia Hidrográfica do Rio Doce, especialmente no CBH Doce e comitês de bacias hidrográficas estaduais (de sub bacias) de Minas Gerais e Espírito Santo que a integram.

Destacou também que o fortalecimento da educação ambiental, da comunicação, da mobilização e da participação social na gestão dos recursos hídricos são fundamentais para o aprimoramento da governança hídrica na Bacia Hidrográfica do Rio Doce. Este Encontro atende, assim, ao PIRH-DOCE e também contribui com o processo formativo do PNRH, sendo realizado de forma integrada com o III Encontro Formativo Nacional de Educação Ambiental e Gestão de Águas.

**O I Encontro de EA e GIRH da Bacia do Rio Doce no contexto do Plano de**

**Bacia do CBH Doce: expectativas, desafios e perspectivas**

**Palestrante**: Joema Alvarenga (Secretária Executiva do CBH Doce).

Iniciou ressaltando o processo de integração entre o Encontro Formativo Nacional e o Encontro da Bacia do Doce, reconhecendo e enfatizando a Bacia Hidrográfica (BH) como unidade de planejamento. Apresentou em seguida o mapa da Bacia do Rio Doce, que abrange parte dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, as características gerais (como o número de municípios abrangidos pela Bacia, que totaliza 228), principais atividades econômicas (mineração, siderurgia, plantação de eucalipto e café, e agropecuária), os principais problemas enfrentados na bacia (ocupação desordenada, inundação, esgoto doméstico lançado in natura nos corpos d’água, e assoreamento), destacando que a BH do Rio Doce é muito degradada, inclusive a qualidade da água, uma vez que há surtos recorrentes de cianobactérias nos corpos d’água.

Enfatizou que a gestão de Recursos Hídricos (RH) na BH do Rio Doce é descentralizada (o CBH é composto por representantes do poder público, sociedade civil e usuários), e que o Comitê de Integração da Bacia do Rio Doce é composto pelo CBH Doce, 6 Comitês de Rios Afluentes Mineiros (CBHs: Piranga, Piracicaba, Santo Antônio, Suaçuí, Caratinga e Manhuaçu) e 3 Comitês de Rios Afluentes Capixabas (CBHs: São José, Santa Maria do Doce e Guandu). O CBH Doce foi instituído por um Decreto Presidencial de 25/01/2002, sendo sua composição: 27% representantes da sociedade civil; 32% do poder público e 40% de usuários.

Quanto ao III Encontro Formativo na Bacia do Rio Doce, Joema destacou a articulação conjunta com CTEM/CNRH e o Ministério do Meio Ambiente (MMA), por meio da Secretaria Nacional de Recursos Hídricos e Ambiente Urbano (SRHU), além da articulação com a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais (SEMAD/MG), Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Espírito Santo (IEMA); Prefeitura de Ouro Preto (MG), Comitês de rios afluentes da bacia do rio Doce, e da Câmara Técnica de Capacitação e Informação (CTCI) do CBH Doce.

Destacou a construção e a reconstrução do formato dialógico do encontro, através da mobilização dos comitês do Doce, dos participantes do Encontro Formativo, e grande destaque para a participação dos indígenas no protagonismo da GRH. Também foi enfatizada a definição da EA como eixo norteador e integrador das políticas de participação social nos dez comitês e o resgate do protagonismo das comunidades tradicionais.

**7- Metodologia, Programação e Acordo de Convivência**

**Coordenador:** Ricardo Burg

Apresentada a programação, ressaltando que ela foi resultado da maturação da ideia do que se espera deste encontro e destacou que o evento trabalharia bastante a oralidade. A seguir foi apresentada a programação e feito os acordos de convivência.

**Abertura Oficial do Encontro**

Às 19:30 houve a abertura oficial do evento, com o pronunciamento das autoridades convidadas, seguida do lançamento do livro “Política de Águas e Educação Ambiental: Processos Dialógicos e Formativos em Planejamento e Gestão de Recursos Hídricos” (versão ampliada, 3ª edição).

**27 de agosto de 2013 – terça-feira**

**Programação: Expressão do Empírico – Construção de Narrativas: Sistematização e Compartilhamento das Vivências**

**1- Investigação Apreciativa – A Educação Ambiental fazendo a diferença na GIRH**

Apresentação da metodologia utilizada na Dinâmica em Grupos.

**Dinâmica em Grupos:**

A Dinâmica em Grupos, realizada no saguão do segundo andar do Centro de Convenções da Universidade Federal de Ouro Preto, teve como objetivo iniciar a investigação apreciativa com a apresentação de narrativas pessoais em movimento, denominada pelos proponentes como “contação de *causos*”, fazendo referência à tradição típica interiorana de compartilhar vivências de modo informal. Estas narrativas, preferencialmente, deveriam estar relacionadas com experiências profissionais na área de recursos hídricos.

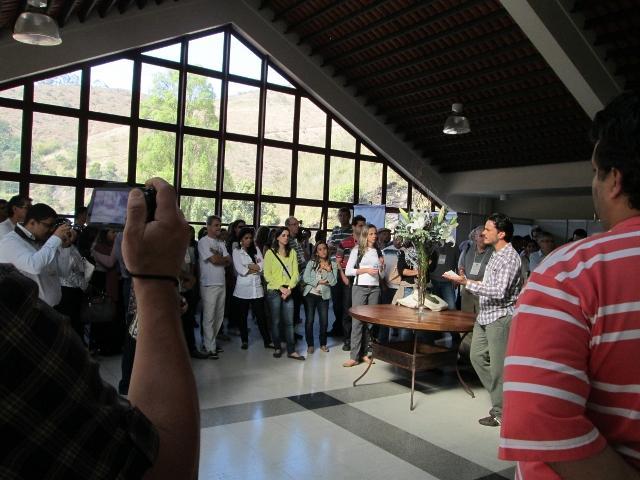
A Dinâmica começou com os participantes andando pelo espaço, a fim de diversificar as companhias e proporcionar uma maior interação entre os congressistas. Em determinado momento, preestabelecido, os participantes deveriam parar e escolher o colega mais próximo e trocar essas vivências, cada um tendo até dez minutos para relatar uma história que julga ser importante relacionada a recursos hídricos, e dessa forma compartilhar, também, sensações passadas e praticar a escuta em silêncio apreciativo das palavras do companheiro.

Durante este primeiro momento em dupla houve um pequeno grupo à margem do exercício que preferiu trocar histórias entre si. Houve também um excesso de fotógrafos e câmeras que auxiliaram na diminuição da interação entre os participantes. O uso de tecnologia, como *tablets* e celulares, para mostrar fotos, ou outras referências, ocorreu em pequeno número. As reações às histórias foram diversas, risos e espanto ilustraram os diferentes enredos contados neste intercâmbio entre culturas de diversas regiões do Brasil.

Após a troca de “*causos*” pela dupla, esta deveria se manter junta e escolher a história mais significativa, que seria repassada a uma outra dupla, formando grupos de quatro pessoas, que trocariam duas histórias, seguindo a mesma metodologia do trabalho em duplas. Este segundo momento foi marcado por uma maior organização e atenção, devido à diminuição no ruído de conversas paralelas, inicia-se assim a formação das células que por fim apresentariam as histórias finalistas.

Ao todo seis grupos se formaram, e seis “*causos*” seriam levados à próxima plenária, e seriam compartilhadas com todos os participantes.

Figura 1 - Moderadores explicando a Dinâmica.



**Apresentação em Plenária:**

Ao todo foram apresentadas seis histórias, uma em trio, uma em dupla e quatro individualmente. Além destas seis histórias foi proposta a gravação em vídeo de mais dez relatos, ficando disponível para quem quiser compartilhar o relato.

A primeira história, apresentada por Raissa Ribeiro, representante da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Naturais do Maranhão, relatou a experiência vivida em um Curso de Multiplicadores no interior do estado, onde o objetivo era a formação técnica de educadores ambientais. Raissa relatou que após o desenvolvimento

15

do curso, a equipe que gravava os relatos dos participantes recolheu o depoimento de um homem mais velho, aproximadamente oitenta anos, que expos a importância da atividade executada, levar ensinamentos aquelas pessoas, e despertou nos organizadores a emoção da realização e a noção da importância de trabalhos de educação nas comunidades.

A segunda história, relatada pelo Alexandre Pataxó e pela Josi Tupiniquim, representantes do Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio Doce, iniciou com a explanação da separação ocorrida no momento inicial da dinâmica, motivada por uma reunião dos representantes dos povos indígenas a fim de decidir entre si quais seriam as falas a serem levadas para os outros participantes da dinâmica. Alexandre exaltou a importância de se haver espaços para discussão da causa ambiental e troca de informações. Foram discutidos também os aspectos jurídicos da formação de projetos de aproximação em territórios indígenas estipulados pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Houve a denúncia de grandes projetos de infraestrutura e mineração que ameaçam territórios e o estilo de vida indígena. Josi Tupiniquim, da Aldeia Pau Brasil, localizada em Aracruz (ES) relatou os desejos e angústias da comunidade indígena, principalmente dos jovens, e ressaltou a importância de se formar parceiros para a preservação da vida. Por fim, houve a denúncia dos genocídios que ocorrem, principalmente, devido às leis, decretos e projetos assinados pelo Governo Federal.

A terceira história, relatada por Teresa Cristina, representante do Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio Santo Antônio, professora de história na cidade mineira de Ferros, ocorreu em uma visita de campo com uma turma de alunos até a Serra do Pedrão, localizada a aproximadamente uma hora de caminhada. Ao chegar ao local desejado, um ponto alto perto de uma mata nativa, o grupo preparou um lanche utilizando um cupinzeiro abandonado como fogão rústico, e ao iniciar a decida, apagaram o fogo, sem perceber que haviam brasas ainda no fundo. Teresa relatou que após voltarem para a cidade de Ferros observara focos de incêndio na Serra onde estiveram, iniciando assim uma convocação dos que lá estiveram para voltar e apagar o fogo. Com o auxílio do proprietário da área conseguira extinguir as chamas, protegendo desta forma a mata nativa. Teresa ressaltou que este relato sobre a prevenção de um incêndio em uma mata nativa é por conseguinte uma história sobre recursos hídricos, e também sobre a responsabilidade que temos sobre nossas ações.

16

A quarta história, relatada por Reinaldo Silva, Krenak, e Canauã Tupiniquim, representantes do Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio Doce, mostrou a relação do povo Krenak com os recursos hídricos, transcendendo a visão utilitarista, eles estabelecem ligações sacras com a água. Os rios e nascentes, relata Reinaldo, são parte do ritual de cura, para os Krenak, a partir da imersão. Hoje em dia não se pratica mais a imersão devido à má qualidade da água, porém a cultura ainda é passada para os mais jovens. Canauã, da etnia Tupiniquim, agradeceu o convite para participar do Encontro e denunciou a situação em que os Tupis vivem, relatando que o progresso capitalista destruiu as terras pertencentes a seu povo com “fome de sangue e terra, cruz e estrada”.

Por fim, denunciou também a transposição das águas do Rio Doce através do Canal

Caboclo Bernardo, prejudicando as terras da aldeia indígena próxima ao curso d’água.

Este canal, atualmente pertencendo à Empresa Votorantim Celulose e Papel (VCP), atual controladora da Aracruz Celulose, possui má qualidade de água, sendo vetor de doenças e alagando terras produtivas.

A quinta história, relatada por Maria Inácia, representantes do Comitê de Bacia Hidrográfica do Baixo Pardo Grande, se passa na cidade de Colômbia, região norte do Estado de São Paulo. Maria relata que em 2008 uma empresa sucroalcooleira se instalou na região e requisitou o corte de 120 hectares de mata nativa dos biomas de Cerrado e Mata Atlântica, que na época era uma Reserva Legal. Uma juíza local autorizou o pedido de supressão, gerando uma grande insatisfação local, a comunidade se manifestou para impedir o desmate, deu-se entrada em uma liminar judicial, convocou-se a mídia, houve o envolvimento de vários setores ambientais, políticos e da polícia militar, que por fim, conseguiram impedir o desmate da área. Esta história, de acordo com Maria, é um grande exemplo de mobilização política e social.

A sexta e última história, relatada por Antônio, professor na cidade de Simonésia (MG), narrou a experiência de criação e gestão da Mostra Simonesiense de Trabalhos Científicos (Mosit) que estimulavam a geração de dados e trabalhos relativos à região. Antônio expos também a experiência de criação de uma Organização Não Governamental (ONG) de cunho ambiental.

17

**2- Fala de Contexto:**

Essa atividade foi iniciada após a apresentação pela mediadora Vera Margarida Lessa Catalão, professora na Universidade de Brasília (UnB) no Distrito Federal na área de Educação Ambiental - Centro de Desenvolvimento Sustentável, que convidou o

Professor Apolo para contar um “*causo*” sobre o Projeto Manuelzão, após fazer um breve apanhado de tudo que havia sido apresentado anteriormente nos “*causos*” narrados pelos participantes.

O Professor Apolo Heringer Lisboa atua na Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina na Área de Saúde, Meio Ambiente e Educação Ambiental é um dos idealizadores e fundadores do Projeto Manuelzão (PMz) Rio das Velhas - São Francisco o qual foi criado em 1997, 7 anos após da criação da Lei das Águas. Desde que foi criado o Projeto não deixou de publicar sua revista, atualmente no nº 69.

**3- Eixos Temáticos de Formação e/ou Planejamento voltadas para a Gestão de**

**Águas**

Oficinas realizadas no período da tarde de terça-feira.

**Comunicação Social:**

As atividades do Eixo Temático de Comunicação Social foram iniciadas com a apresentação das moderadoras Mônica Pilz Borba (Instituto 5 Elementos – Educação para a Sustentabilidade; REPEA – Rede Paulista de Educação Ambiental; REBEA - Rede Brasileira de Educação Ambiental) e Cláudia Dianni (Assessora de Comunicação Social da ANA – Agência Nacional de Águas).

A oficina teve como objetivo demonstrar, de forma sucinta, como elaborar uma matriz de Plano de Comunicação para um Comitê de Bacia Hidrográfica (CBH). Para alcançar o objetivo, as moderadoras propuseram a seguinte metodologia: definição do público envolvido, problematização e produtos/atividades, com a elaboração da matriz.

Figura 2- Vista parcial dos grupos formados na oficina de Comunicação Social.



Figura 3- Matriz do plano de comunicação social que deveria ser preenchida por cada grupo.



Figura 4 - Grupos trabalhando no preenchimento das matrizes.



25

Figura 5 - Grupo preenchendo sua matriz de comunicação.

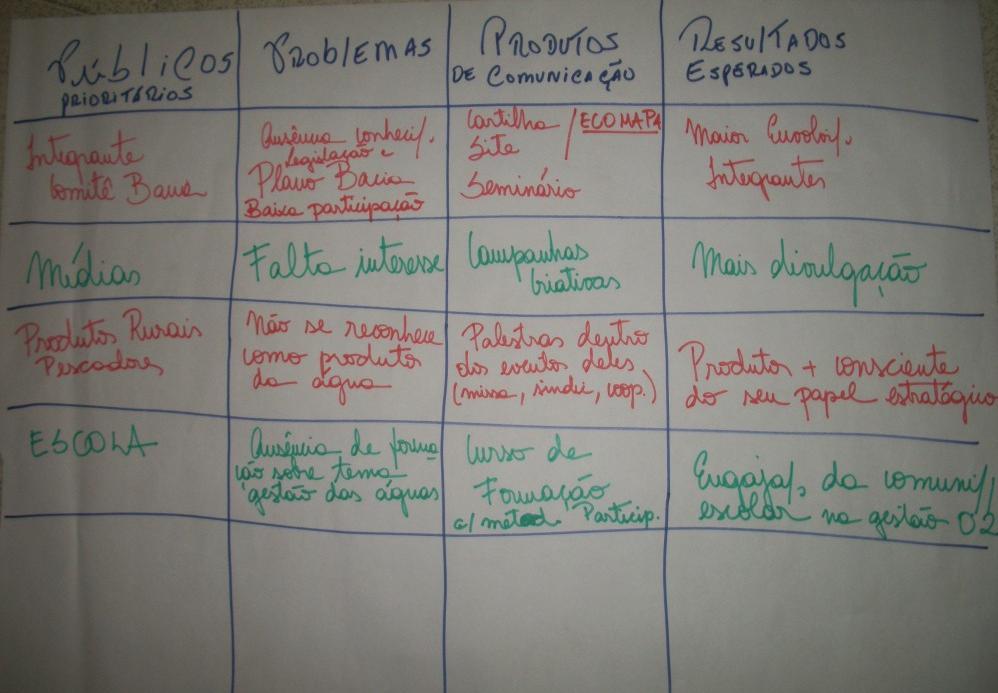


Figura 6 - Matrizes preenchidas e fixadas na parede, formando um mural.



As moderadoras fizeram uma síntese de cada matriz, para ser apresentada na plenária, conforme Figura 7.

Figura 7- Síntese das matrizes elaboradas na oficina.



**Mobilização e Participação Social:**

Os trabalhos do Eixo Temático de Mobilização e Participação Social iniciaram com a apresentação da mediadora Iracema Ferreira de Moura, Assessora do Departamento de Educação Popular e Mobilização Cidadã da Secretaria Geral da Presidência da República, responsável por desenvolver processos de educação popular voltados para o acesso às políticas públicas.

Após uma breve apresentação a mediadora propôs a metodologia a ser utilizada na oficina, composta por uma pequena fala introdutória dela, seguida pela definição de duas questões a serem respondidas em três grupos, e por fim a composição de uma síntese, a ser apresentado em plenária.

29

Após a apresentação dos três grupos a mediadora Iracema discutiu a Minuta de Decreto da Presidenta da República4 que define a Participação Social e cada um de seus mecanismos, cria o Sistema Nacional de Participação Social, cria uma instância de governança (Comitê Gestor), cria a Mesa de Monitoramento das Demandas Sociais e cria o Fórum Inter Conselhos, que, segundo Iracema, já funciona em Brasília e tenciona fomentar a discussão entre as esferas públicas.

Iracema conclui sua fala e finalizou o eixo temático com a divulgação do site onde há mais informações sobre a Política Social (http//:psocial.sg.gov.br/politica-nacional), e explicou o processo de adesão dos estados e como eles devem se portar, a fim de garantir os conselhos, conferências e participação com efetividade da sociedade civil.

**Capacitação em GIRH:**

A oficina foi conduzida por Taciana Neto Leme, Gerente de Capacitação da Agência Nacional de Águas (ANA). A atividade foi dividida em duas etapas, sendo a primeira uma exposição introdutória para definir os temas a serem discutidos a seguir na dinâmica de grupos, finalizando com mais uma parte expositiva “Capacitação e educação da ANA para o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos –

SINGREH”.

Foram apresentados os objetivos da oficina: identificar demandas de formação e capacitação; ou seja, quais são as demanda, quais são as necessidades de capacitação; estimular o intercâmbio de experiências, que também se caracteriza como um dos objetivos do Encontro como um todo, e apresentar estratégias e ações da ANA para capacitação e educação em recursos hídricos.

Na segunda etapa da oficina, os participantes, um total de 42 pessoas, foram divididos em três grupos. As questões trabalhadas foram:

1- Quais são as competências necessárias ou as demandas de capacitação para que os membros de CBH ou até dos órgãos gestores cumpram as suas atribuições?

2- Quais são as estratégias/metodologias que são necessárias para promover uma gestão das águas de forma participativa e descentralizada?

3- Que experiências que vocês já tem/ já tiveram em promover ações de capacitação e que essas experiências possam servir de referência, possam ser inspiradoras para os demais?

A parte final da oficina teve como objetivo incentivar os participantes a levarem para suas instituições, ONG’s, Governos algumas possibilidades de capacitação que já existem, são gratuitas e que muitas vezes falta a sensibilização das pessoas e que todos fossem parceiros na divulgação dessas oportunidades de capacitação.

**Água: matriz ecopedagógica e cultural:**

A palestrante, Vera L. Catalão, solicitou que os participantes da oficina se levantassem e acompanhassem uma sessão de relaxamento e brincadeira.

Justificativa: As crianças estão achando a escola muito chata. E, como pedagoga, ela estimula a brincadeira, pois considera que as pessoas andam levando as coisas muito a sério e se esquecendo da seriedade da brincadeira como estimulante da criatividade e do aprendizado. Segundo as palavras da palestrante: “libera dos cabrestos”. Para ensinar deve se saber brincar.

Antes de iniciar a dinâmica, um vídeo foi exibido com a duração de 4:30 minutos, para aumentar a sensibilidade ao elemento água. Nesse vídeo, as fotos tinham a função de simular o ciclo de vida de um rio, desde a sua nascente até a foz, suas secas e cheias, a poluição e destruição em seu caminho.

Os participantes foram divididos em três grupos, sendo que três questões foram distribuídas (chamadas de Reflexões Compartilhadas), uma para cada grupo.

**Síntese do Café com Prosa:**

1° grupo: O que é água para você? – Sentimentos, percepção, pensamentos, imaginação acerca da água.

**Respostas:** Condutor universal da vida; parte essencial do corpo da Terra e do corpohumano; água é vida e morte em movimento; elemento indispensável à vida; molécula universal; H2O é vida; viva a água; água é vida, é benção; tira o cansaço e purifica; é matriz da vida; água é sagrada pelo batismo; é música; é poesia; é lágrima de conflito da guerra e da morte; é esperança na nascentes; é símbolo da não violência e da aceitação; para grande parte da humanidade é local de escoamento de dejetos e entulhos; água é purificação; água é união; água é profundidade.

2° grupo: Que cuidados precisamos ter com as águas? Como usar? Como preservar? Como recuperar?

**Respostas:** Maior sensibilização das pessoas com a relação e a compreensão de ondevem e para onde vai a água que usamos; cada um deve fazer a sua parte; lembrar da utilização tanto em âmbito pessoal quanto empresarial; resgatar o valor da água; não trata-la como recurso e sim como um bem; cuidar da água com amor; sentimento de pertencimento; conhecer o território, conhecer a bacia para poder cuidar (a percepção do entorno); necessidade de mobilização e trabalho de base com informação e conhecimento; participação no planejamento da gestão da bacia; responsabilidade nas embalagens que é tanto do produtor quanto do consumidor; necessidade de resgatar valores (conhecimentos tradicionais); trabalhos de prevenção; contar com órgãos públicos para conscientizar, não somente com ações pontuais; sensibilizar os atores e formadores de opiniões; realizar ações que tragam de volta o valor da água; promover intercâmbio de experiências; diagnóstico de áreas vulneráveis e divulgar amplamente os problemas locais dos rios, mostrar que eles estão presentes no cotidiano e não em um mundo distante; integrar a gestão rural e urbana; estimular a compensação financeira para a produção e o bom uso da água.

3° grupo: Como mobilizar a vontade, evocar o sentimento de pertencimento e ampliar o conhecimento acerca da água?

**Respostas:** Trabalhar o indivíduo (o ser humano é também formado por água, eleprecisa se lembrar disso, ele precisa de água para viver); saber de onde vem e para onde vai a água; a água é vida e não é produto, não é mercadoria; trabalhar nas escolas a educação ambiental para a gestão das águas; trabalhar problemas e pensar soluções; a motivação para se trabalhar a água pode ser pelo incômodo, choque de informações, fotos e vídeos; usar o ciclo hidrológico e a bacia hidrográfica para sensibilizar; trabalhar a criação da política de gestão das água municipais, modelos locais para chegar a modelos regionais; conhecer o problema local para mobilizar a comunidade; levantar o histórico do território para despertar o sentimento de pertencimento; sensibilizar os atores formadores de opinião; apresentar resultados positivos de outros locais; educação ambiental em todos os níveis junto às comunidades e com participação popular; mostrar a história dos rios (como era antes e como está hoje); conscientização sobre o valor da água (seus usos e problemas); mudança pessoal.

**4- Café com Cultura**

Durante o coffe break os participantes foram brindados com o lançamento do livro “Água e mudanças climáticas: tecnologias sociais e ação comunitária” com o Prof. Milton Nogueira, que falou algumas palavras sobre a construção do livro e dos temas abordados.

**5- Círculo em Diálogo: “Na Terceira Margem do Rio: o papel da educação e**

**processos de aprendizagem na relação com a água”**

Os participantes das oficinas foram convidados a participar do Círculo em Diálogo, com a palestra do Prof. PhD. Marcos Sorrentino, professor da Universidade de São Paulo (USP). O palestrante começou com um cumprimento ao público e questionou o que seria a “Terceira Margem do Rio” para a gestão de recursos hídricos e qual seria o papel da educação nessa gestão. Fez referências ao que foi apresentado anteriormente na Dinâmica em Grupos, nos Eixos temáticos e também na Fala de Contexto apresentada pelo Idealizador/fundador do Projeto Manuelzão – Apolo Heringer Lisboa (CBH Velhas), esclarecendo que várias respostas já foram dadas para as questões levantadas, mas ainda existem lacunas a ser preenchidas. Ele se propôs a apontar algumas dessas lacunas.

A sistematização das respostas dadas pode apontar para um processo educador ambientalista pactuado entre os comitês de bacias presentes, processo esse que pode vir a ser implantado. Porém, as lacunas devem ser repensadas para que haja um aprimoramento a capacidade de intervenção como educadores comprometidos com a sustentabilidade socioeconômica ambiental. Como construir um processo de educadores que tenha efetividade capaz de impactar sete bilhões de humanos ou duzentos milhões de brasileiros? Como fazer para que as pessoas se identifiquem com esses educadores? São alguns dos questionamentos levantados.

Citou a felicidade da reflexão de Apolo Heringer a respeito dos comitês de bacias hidrográficas sobre o vazio que cai sobre os mesmos após suas expectativas serem frustradas. Lembrou-se do otimismo que ocorreu quando se instalaram os primeiros conselhos ambientais na década de 80, símbolos de uma democracia com participação. Isso não ocorreu, o exemplo dado foi o Conselho Estadual do Meio Ambiente de São Paulo que aprovou a regulamentação da lei de educação ambiental e ignorou a contribuição que a sociedade elaborou por mais de cinco anos. Os conselhos, de forma geral, não conseguem cumprir com o que prometem e isso tira o entusiasmo.

O processo educador exige alguns pré-requisitos: o diálogo com todos e com cada um dos envolvidos no processo educador (parabenizou os organizadores do evento por saírem do lugar comum, tornaram cada um dos participantes protagonistas do evento) para isso é preciso provocar as pessoas a trazerem os seus sonhos, socializar e pactuar nessa caminhada pela realização desses sonhos [Árvore dos sonhos – Roda Viva (ONG do Morro do Borel - RJ)]; comunicação dialógica (indicou o filme “Hannah Arendt” e o livro “Sobre a Tagarelice” - Plutarco) - ouvir por inteiro o que o outro quer dizer, saber escutar, aulas de escutatória parafraseando Rubem Alves. Afirmou que até nos cursos à distância esse processo dialógico é possível e citou mais algumas referências que mostravam a importância do diálogo para promover mudanças.

O grande desafio que os comitês de bacia teriam de enfrentar é o desafio das mudanças climáticas, é o desafio dos desastres naturais, dos riscos socioambientais, não só do que eles têm de mais aparente, mas do que eles têm de mais aterrorizante, que é o medo. O medo do futuro roubado, de um não futuro, relacionada à possibilidade do mundo acabar. O sistema perito leva a uma insegurança permanente. Brincou com os participantes, questionando a existência de chumbo no pigmento das canecas distribuídas nos kits: “Agora vocês vão pensar duas vezes antes de tomar água?”.

Segundo requisito importante: a estimulação do diálogo deve se preocupar em não se tornar refém do medo cotidiano. Citou como exemplo os cinco conceitos em que chegaram ao laboratório em que ele trabalha na USP:

* Comunidade;
* Diálogo;
* Identidade;
* Potência de ação;
* Felicidade.

Assim, com esses conceitos se obtém um conjunto de referências para estruturar o processo educador comprometido com as transformações radicais que devem ser implementadas e promovidas. Os comitês de bacia e todos os órgãos relacionados com a gestão tem papel essencial nessas transformações. Para isso, deve-se contar com projetos pedagógicos bem fundamentados e territorializados, construídos participativamente com os habitantes; deve-se ainda criar coletivos educadores capazes de promover a capilaridade em todo tecido social. A escola e o poder público devem participar da criação desses mecanismos.

É importante o diálogo com os sistemas educacionais estaduais e municipais, as universidades também devem ser incluídas nesse processo educador e também os órgãos ambientais. Desta forma foram finalizadas as atividades do dia.

**28 de agosto de 2013 – quarta-feira**

**3°** **DIA: Práxis: Elementos Teóricos para Enriquecer a Prática.**

**1- Eixos Temáticos de Formação e Planejamento e Sessão de Painéis de**

**Experiências Emblemáticas voltadas para a Gestão de Águas**

Os Eixos Temáticos foram realizados no período da manhã da quarta-feira, sendo subdivididos em salas. A Sessão de Painéis ocorreu no auditório simultaneamente. Os participantes se subdividiram a partir do interesse particular.

**Experiências e desafios de Câmaras Técnicas e/ou Grupos de Trabalho e Educação Ambiental em Comitês de Bacia Hidrográfica e Conselhos de Recursos Hídricos**

A oficina foi conduzida pela palestrante Maria Luísa Bonazzi Palmieri, atual Coordenadora da Câmara Técnica de educação Ambiental (CT-EA) dos Comitês dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí (CBH-PCJ).

Iniciando a atividade foi entregue uma ficha para que os participantes preenchessem.

Os dados fornecidos pela palestrante foram compilados e resultaram em um perfil

dos participantes conforme mostrado abaixo:

* Haviam 34 participantes de 8 estados diferentes (SP, MG, TO, ES, RS, DF, RJ, MT);
* Aproximadamente metade afirmou participar de CBH/Conselho que possui espaço específico de EA (apenas 4 afirmaram não ser de CT, mas de GT) e todos os que participam de CBHs/Conselhos que não o possuem consideram que a criação de tal espaço fortaleceria a EA nos mesmos;
* A maior parte do(a)s CTs/GTs foi criada entre 2010-2011 (7), 2 em 2004 e um(a) por ano em 1996, 2003, 2005, 2008 e 2012;
* Aproximadamente metade considera que a EA é bem compreendida pelos demais membros do CBH/Conselho do qual participa.

O objetivo geral da oficina que era propiciar o diagnóstico, a reflexão e o planejamento relativos as câmaras técnicas de educação ambiental dos CBHs/Conselhos de Recursos Hídricos e os objetivos específicos tais como: propiciar uma discussão sobre as vantagens e desvantagens da criação de um(a) CT/GT de educação ambiental nos CBHs/Conselhos que os integrantes da oficina participam; diagnosticar as linhas de ação, conquistas, desafios, lições aprendidas e ações em planejamento/desenvolvimento no(a)s CTs/GTs de EA dos CBHs/Conselhos de Recursos Hídricos; planejar ações de educação ambiental que podem ser desenvolvidas no(a)s CBHs/Conselhos/grupos.

A oficina seguiu com a reapresentação da palestrante seguida da apresentação dos participantes, em seguida houve uma divisão dos participantes de acordo com os seguintes critérios:

1. CBH e Conselhos com CTs/GTs de EA com menos de 1 ano
2. CBH e Conselhos com CTs/GTs de EA com mais de 1 ano
3. CBH que não possuíam CTs/GTs

Inicialmente seriam 3 grupos no entanto não existiam participantes da primeira classe, logo formaram-se 4 grupos, sendo 2 da segunda classe e 2 da terceira classe. Os grupos discutiram sobre o que é feito de EA nos CBHs onde estes atuam, as vantagens e desvantagens da EA se possuir CTs/GTs nas CBHs, as linhas de ação desenvolvidas, os desafios enfrentados, conquistas, lições aprendidas e novas ações de EA. O resultado desse trabalho foi apresentado na plenária após a finalização da palestra.

Figura 9 - Dinâmica de grupo da oficina.



**Resultados apresentados na plenária:**

1. EA nos CBHs/Conselhos que não possuem CT/GT de EA: caminhada ecológica, gincana ecológica (limpeza das praias), limpeza do corpo d'água, expedição ao longo da bacia, publicação, oficinas educativas, recuperação da vegetação e também que não há ações de EA nos conselhos e comitês. Uma outra resposta unânime foi que as ações de EA são desenvolvidas isoladamente, não são realizadas ações integradas nos conselhos e comitês.
2. Vantagens e desvantagens de um(a) CT/GT de EA (pergunta para os CBHs/Conselhos que não possuem CT/GT de EA): Os grupos concluíram que não há desvantagens e que as vantagens são a continuidade das ações de EA; sistematização de ações de EA; planejamento e otimização das ações de EA.
3. Principais linhas de ação do(a)s CTs/GTs de EA nos CBHs/Conselhos de Recursos Hídricos: qualificação e mobilização para a capacitação dos membros das CBHs e CTs/GTs de EA; produção de publicações sobre os planos de bacia para apoiar a disseminação do conhecimento; EA no licenciamento ambiental; contribuições na elaboração e revisão dos Planos das Bacias; análise de projetos; monitoramento e avaliação das ações de EA na bacia; desenvolvimento de produtos educomunicativos; interação com escolas e comunidades (associações comunitárias);organização social e parcerias com escolas, comunidades e universidades para desenvolver a EA.
4. Principais desafios e lições aprendidas: encontrar membros dispostos a compor a CT (CBHs sem CT/GT); ter metas claras; obter recursos financeiros para a EA; superar problemas burocráticos para acesso a recursos; implementar uma política local/regional de EA; sensibilizar os membros dos CBHs e a comunidade; a proximar a CT-EA das Diretorias de Ensino e demais órgãos públicos; integrar a CT-EA com as demais instâncias dos CBHs (principalmente com a Secretaria Executiva e demais CTs);

4) Principais desafios e lições aprendidas: utilizar linguagem e meios de comunicação adequados nas ações de EA; estabelecer parcerias com a área da educação/professores e universidades; dar transparência ao processo de gestão e realização de projetos; promover a participação dos CBHs (inclusive das CTs/GTs de EA) na análise de empreendimentos em licenciamento ambiental, propondo diretrizes para programas de EA a serem executados por instituições com conhecimentos e experiências na área; desenvolver um plano de trabalho anual.

**Saberes Indígenas e Interculturallidade na Gestão de Águas**

**Mediadores:** Ricardo Burg Mlynarz e Thiago Fiorott – FUNAI e CTI/CBH Doce

Apresentada a dinâmica da oficina: Um diálogo com todos os participantes e em especial dar oportunidade às comunidades indígenas representadas de expor sua relação com a água nas suas aldeias e na sua cultura.

Ocorreu uma contextualização a participação da comunidade indígena nesse encontro e no comitê de bacia CBH Doce.

O mapa da Bacia do Rio Doce foi apresentado e a ocupação indígena no percurso da bacia foi comentada. Ele se encontra no endereço: http://www.riodoce.cbh.gov.br/bacia\_mapas.asp.

Foi aberta a sessão de depoimentos dos indígenas presentes na oficina.

Figura 10 - Oficina de saberes indígenas e interculturalidade na gestão de águas.



**1º Etnia – Krenak**: Afirmaram que na sua região não se acha mais caça e pesca nas margens dos rios devido à má conservação é poluição. O indígena nunca teve o hábito de acumular, por isso chegou a ser chamado de preguiçoso (economia de subsistência). As áreas de coleta, caça e pesca são restritas, a qualidade da água é ruim, isso quando ela não é escassa. Relata que a área que foi delimitada para seu povo era totalmente desmatada e que hoje em dia, após uma recuperação natural, a natureza já voltou a ocupar o seu lugar e a caça está voltando. Quanto à pesca, afirma que a represa instalada próxima não permite que os peixes endêmicos da área cheguem até a reserva, o consórcio responsável pela represa tentou resolver o problema colocando espécies exóticas, porém ele diz que os indígenas não gostam, pois as mesmas têm gosto ruim. A água é sagrada (o rio é a mãe água), para ele traz a vida e traz a morte. Alguns rituais não podem mais ser feitos por causa da poluição, por isso a aldeia tem consumido água de mina retirada das nascentes que estão no seu território (essas nascentes estão sendo cercadas e recuperadas).

**2º Etnia – Tupiniquim**: Iniciaram esclarecendo que tem certas coisas sobre o povo indígena que o branco não pode saber. Um pajé não pode benzer um branco, pois não sabe o mal que ele cometeu. Tradições e costumes que são guardados somente para eles. A água tem um significado muito grande, porque é fonte de vida para todos os seres vivos. Quando as indígenas menstruavam pela primeira vez, ficavam 2 horas dentro do rio para que a água trouxesse fertilidade, bons partos, esse ritual não pode ser realizado mais, por causa da poluição. Os indígenas crianças nadam em grandes profundidades desde cedo e quando adultos são selecionados como guarda – vidas nas praias da região em que fica localizada a aldeia. Eles estão plantando 70 hectares de mata nativa, com o intuito de promover a conservação no futuro. Concordaram com a opinião anteriormente dada sobre o não acúmulo e a economia de subsistência. Houve uma reclamação sobre a poluição que chega de áreas no entorno da aldeia e que mata os indígenas; os peixes. Estudos na área da educação mostram que vários canais e córregos que existiam na região da Aldeia , como o Córrego D’ Ouro secaram ou desapareceram devido ao assoreamento. O conhecimento milenar de quando chover, de quando plantar faz parte da cultura indígena. A pesca está relacionada ao modo de vida indígena desde tempos remotos. Eles têm medo da erosão sócio cultural que pode vir a atingir o seu povo e também tem consciência de que podem transmitir muita sabedoria sobre a preservação do meio ambiente. Em outra intervenção, afirmou-se que os rios que chegam à terra indígena estão poluídos pelo esgoto das cidades, sem contar que uma empresa de resíduos se instalou próxima a aldeia e libera chorume e um mau cheiro insuportáveis. Admitem que não tem o conhecimento técnico necessário para discutir resultados de ensaios referentes à qualidade da água, do ar. Querem ser parceiros para ajudar a preservar o ambiente.

**3º Etnia – Guarani**: Expôs a existência de um Penicão (ETE) dentro da aldeia, que causa grande desconforto devido ao mau cheiro, esse esgoto vem da cidade de Aracruz e é disposto a céu aberto. Os indígenas reclamaram que isso pode trazer transtornos à saúde, além de trazer situações embaraçosas diante aos visitantes da aldeia. Existe um processo na justiça exigindo que providências sejam tomadas a respeito dessa situação.

**4º Etnia – Pataxó**: Contaram um pouco da história do povo Pataxó (lendas, celebrações, rituais) para situar a relação que tem com a água, relação essa que passa de pai para filho há gerações. Um destaque foi dado à Festa das Águas que é um preparo para o período chuvoso, as crianças são batizadas nessa ocasião, é um ritual de agradecimento, a celebração da fatura que vem com as águas. O respeito com a natureza é passada para as crianças, tempo certo para a caça, para o plantio. O encontro foi considerado importantíssimo, pois se constituiu em uma possibilidade de contar suas histórias e tradições. A preocupação maior se reflete na chegada de uma mineradora na região da aldeia Fazenda Guarani (Carmésia, MG), que vai explorar 40% da água disponível. Uma estrada passa no meio da aldeia e isso também foi um motivo de reclamação, pois tirou a privacidade da comunidade indígena. Existem pataxós em outras regiões (Acuçena, Araçuaí, Guanhães). Chegaram à Fazenda Guarani na década de 70 e atualmente são quase 300 indígenas nesse local. Quando as famílias pataxós crescem demais elas se desmembram e migram para outros locais. Diz a lenda que o Pataxó surgiu da água, após uma chuva , na última gota surgiu um índio. Como não podia viver sozinho, ele pediu a Tupã (Deus Indígena), em um ritual, que mandasse mais índios à Terra e assim surgiu o povo Pataxó.

Na sequência foi aberta uma sessão de questionamentos aos indígenas: participação nos comitês de bacia, efetividade dessa participação, se esses representantes são somente de uma etnia.

Para a apresentação na plenária, foram escolhidos representantes indígenas e representantes não indígenas.

**Resultados apresentados na plenária:**

Figura 11 - Apresentação dos resultados da oficina de saberes indígenas e interculturalidade na gestão de

águas.



**Mídias livres e Ciberativismo: Desafios e possibilidades de comunicação e a participação em rede na era digital**

A mesa foi composta por três palestrantes: Lívia Portela, Antônio Netto e Jean Martins, os dois primeiros representantes do Coletivo Nos Ambiente e os três integrantes do Coletivo Fora do Eixo.

Iniciou com a discussão de como os participantes entendem a comunicação e o ciberativismo e o que buscam ao fazer parte desta mesa de discussão. Neste primeiro momento os participantes questionaram a existência de uma linha de separação entre a comunicação e participação web e ciberativismo, citando como exemplo a participação em correntes de e-mails de ONG’s ativistas. Questionou-se também a adequação do conteúdo aos diversos públicos alvos, o “biomapa”, tornando o conteúdo técnico e teórico mais acessível. A maior dificuldade relatada pelos participantes é a falta de acesso às mídias sociais digitais pela população de determinadas bacias, e questiona como a comunicação alcança esse público.

A seguir abordou a possibilidade da pessoa que possui acesso à internet assumir o papel de multiplicador e “viralizar”, proliferar, as informações trocadas, ressaltou se o grande número de acessos no Brasil, inclusive em regiões do interior do país, e ressaltou o potencial da internet em conectar pessoas geograficamente afastadas, exemplificando como o aplicativo “Hangout” da empresa Google que permite videoconferências com uma maior facilidade.

Ainda discutindo a questão das mídias, foi exposto que na internet o usuário tem a possibilidade de escolher a fonte de onde absorverá os dados, ao contrário das fontes baseadas na TV e jornais impressos.

Os participantes discutiram a questão da produção de informação adequada e atrativa como forma de comunicação externa dos Comitês de Bacia e outras instituições ambientais. Utilizou-se como exemplo a Wikipedia, como um mecanismo que comprova a depuração que a internet promove às informações de má qualidade. Jean ressaltou a Wikipedia como uma plataforma de construção colaborativa de sucesso, onde as pessoas compartilham conhecimentos, sendo um bom exemplo de como pode coexistir ferramentas colaborativas, que são fomentadas pelos próprios usuários e produzem informações de boa qualidade.

Os integrantes da mesa iniciaram a exposição do material, em slides, explicando um pouco mais da estrutura dos coletivos Fora do Eixo e Nos Ambiente, movimentos em rede de coletivos, saindo do âmbito virtual. Os participantes discutiram a Rede Brasileira de Educação Ambiental (REBEA) e a possibilidade de enquadramento como uma rede social. Jean definiu rede social como um movimento de pessoas comuns conectados entre si, não necessariamente de forma virtual. Lívia ressaltou que a rede é formada pelas pessoas e a internet é o meio de encurtar as distâncias e facilitar a comunicação das pessoas.

Os participantes ressaltaram a ausência de diálogo entre as linhas de pensamento e ação, por exemplo, recursos hídricos e ambiental, e como essa divisão, falta de comunicação prejudica a área ambiental no Brasil. Lívia expos a relação entre educação ambiental e mobilizações sociais, de como os contextos podem ser relacionados.

Os participantes ressaltaram a importância da criação da Agência de Bacia Hidrográfica e que o governo acate as deliberações do Comitê de Bacia. Netto expos a importância da discussão sobre a bacia hidrográfica como unidade de gestão administrativa, e a força da união dos Comitês de Bacias para atingir este objetivo.

Figura 12-Integrantes da mesa.



**Sessão Painéis – Compartilhando Experiências Emblemáticas da Bacia do Rio**

**Doce**

Moderação: Marco Antônio de Carvalho (IFES/Presidente CTCI/CBH Doce)

A Sessão Painéis foi realizada no auditório São João Del Rei, e contou com a participação dos Institutos Xopotó e Terra, e os CBHs Guandu e Manhuaçu.

**Instituto Xopotó:** José Geraldo Rivelli Magalhães–Presidente do InstitutoXopotó

A primeira experiência emblemática apresentada foi “Bolsa Verde: Fonte Alternativa de Renda e Instrumento de Conservação Ambiental em Pequenas Propriedades Rurais”, pelo presindente do Instituto Xopotó, José Geraldo Rivelli Magalhães. Ele destacou que o Instituto tem como missão promover a melhoria da qualidade de vida das comunidades do Território Nascentes do Rio Doce, por meio de ações socioeconômicas e ambientais. O Instituto não é uma organização de militância, mas de parcerias, para a geração de trabalho e renda. O Instituto atua no território da microbacia do rio Xopotó, que pertence à bacia do rio Piranga, no âmbito social (Programa Transformação), econômico (Programa Fornada) e ambiental (Agente Ambiental – produtor rural prestador de serviços ambientais).

fomentar uma produção rural sustentável, a fim de melhorar sua qualidade e potencialidade, incluindo os recursos naturais existentes nas propriedades como parte

**Instituto Terra:** Adonai José Lacruz - Superintendente Executivo do InstitutoTerra.

A segunda experiência emblemática apresentada foi do Instituto Terra, pelo seu Superintedente Executivo Adonai José Lacruz. Este Instituto é organização civil sem fins lucrativos sediada em Aimorés/MG, e atua em municípios das bacias dos rios Manhuaçu, Suaçui e Guandu; desenvolve projetos de restauração ecossistêmica que totalizam mais de 7500 hectares em processo de recuperação, com vegetação nativa (mata atlântica); maior empregador privado da região de Aimorés, com 120 colaboradores, que trabalham basicamente no viveiro de produção de mudas, cuja capacidade de produção gira em torno de um milhão de mudas/ano, e até o momento já foram produzidas aproximadamente 4,5 milhões de mudas nativas da mata atlântica; metade das mudas produzidas são vendidas e a outra parte é doada.

**CBH Guandu:** Max weber D'Ávila Lessa, presidente do CBH Guandu

A terceira experiência emblemática relatada é a “Expedição Científica da Bacia Hidrográfica do Rio Guandu”. Max Weber, presidente do CBH Guandu, apresentou um mapa da Bacia do Rio Guandu, mostrando que ela abrange quatro municípios capixabas. Max enfatizou que que a expedição pela bacia tinha como objetivo instrumentalizar e conhecer melhor a bacia, por isso adoratam o slogan “Conhecer para Preservar”.

Os resultados esperados da Expedição foram: realizar coleta de dados dos aspectos ambientais da Bacia Hidrográfica do Rio Guandu e posterior diagnóstico; despertar o interesse imediato de prefeitos, vereadores e da comunidade em geral para a proteção e recuperação das águas e seu meio ambiente natural; fortalecer a consciência ecológica individual de todos; encorajar práticas éticas e políticas públicas que melhorem a qualidade de vida das pessoas; elaborar um Atlas Sócio-Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Guandu; produzir um documentário sobre a bacia; e produzir material fotográfico para exposição itinerante.

**CBH Manhuaçu**: Maria Aparecida Salles Franco, CBH Manhuaçu

A quarta experiência emblemática apresentada foi do CBH Manhuaçu, por Maria Aparecida Salles Franco, sobre “Ações de Educação Ambiental na Bacia do Rio

Manhuaçu”. Maria Aparecida iniciou apresentando a Expedição ao Rio Manhuaçu, realizado de 21 a 25 de abril de 2004. Mostrou também fotos da Expedição ao Rio José Pedro, afluente do Manhuaçu, de 18 a 21 de abril de 2012.

Em seguida, relatou as atividades realizadas no Dia Mundial da Água, em 2013, destacando a demonstração do sistema de funcionamento de um aquecedor solar, em parceria com a Polícia Ambiental, e do Dia Mundial do Meio Ambeinte, deste mesmo ano, com a realização de uma caminhada ecológica.

A última atividade apresentada foi o ForEA (Fórum de Educação Ambiental) de 2013, que teve quase toda sua decoração feita com materiais reaproveitáveis/recicláveis, com o envolvimento de diversas entidades locais na confecção dos enfeites.

Após o término das apresentações, seguiu-se a sessão de perguntas.

Após o encerramento, os participantes dos outros eixos temáticos voltaram ao plenário, onde foi realizado uma pequena explanação de cada eixo, pelos moderadores dos mesmos. No término, Suraya agradeceu a presença de todos e lembrou que às 13h30min seria realizado o Círculo de Diálogos, conforme combinado no dia anterior, com o objetivo de debater assuntos relacionados à gestão de recursos hídricos que não estavam contemplados nas atividades programadas.

**2- Círculo em Diálogo: Políticas Públicas de Educação Ambiental para a**

**Governança das Águas nas Bacias Hidrográficas**

**Participantes**: Renata Maranhão – Gerente do DEA/MMA, Ana Luíza Dolabela de Amorim Mazzini – Diretora de EA/SEMAD-MG, Ulisses Louzada Mantovani – IEMA/ES e Jair Kotz – Superintendente de Meio Ambiente da ITAIPU Binacional/Programa Cultivando Água Boa.

**Mediação**: Franklin Jr.

**3- Apresentação: “História do Controle e do Uso da Água na Ouro Preto dos**

**Séculos 18 e 19 e suas implicações para o século 21”**

Palestrante, Prof. PhD. Alberto Fonseca, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

gura 13 - Tanques de desinfecção do final do século XIX em Ouro Preto.



Após a apresentação da história do controle e do uso da água na cidade de Ouro Preto, nos séculos 18 e 19 e suas implicações para o século 21, para finalizar sua palestra, Alberto Fonseca propôs a criação de uma Trilha das Águas, para que seja usada como ferramenta de EA e que esta finalize seu trajeto na ETE, e relatou que o trabalho em seu resultado tenta alertar para o valor de todas as obras hidráulicas nele pesquisadas e citadas como um bem patrimonial de Ouro Preto. Por fim ressaltou a importância de se captar recursos para restaurar essas obras e criar o Museu da Água e apresentou os produtos que foram publicados com os dados de seu trabalho.

29 de agosto de 2013 – quinta-feira

**4° DIA: PLANOS DE AÇÃO (INDIVIDUAIS E/OU COLETIVOS) E O CAMINHO ADIANTE**

**1- De volta pro meu pedaço: Planos e Compromissos**

**Atividades: “Entrelaçando percepções” e “De volta pro meu pedaço”**

A atividade de fechamento foi feita na manhã da quinta-feira, em grupos, sendo esses grupos formados pelos estados participantes do Encontro, com o objetivo de refletir sobre a vivência nos dias do encontro. As seguintes questões deveriam ser respondidas:

1. O que eu trouxe?
2. O que eu levo?
3. Que compromissos eu levo?

O tempo total foi de 20 minutos, sendo que 5 minutos dedicados ao pensamento individual e 15 minutos para discussão grupal. O resultado da discussão grupal deveria ser apresentado na plenária. A atividade foi de autogestão e autoavaliação. Os papéis foram divididos em três colunas: Aplicação imediata (curto prazo), Médio prazo (um ou dois anos), Visão de Futuro (para a definição dos compromissos com a gestão das bacias hidrográficas). Estas anotações foram fotografadas. Houve ainda a aplicação de um questionário de avaliação geral sobre o evento.

**Relatos das lideranças indígenas**

Apresentaram uma música típica da cultura indígena e convidaram para a Festa das Águas que será realizada no dia 5 de outubro de 2013, na Fazenda Guarani, em Carmésia, MG.

Finalizaram com a seguinte frase: *A um índio um peixe dá, ao longo de um dia* *comerá, a um índio ensina a pescar, ao longo de sua vida comerá, a um índio dá a* *crença em Deus, com fome por peixe a Deus pedindo morrerá.* Síntese da necessidade

urgente de preservação, pois dela depende o futuro da humanidade.

**Leitura da dinâmica de cada grupo (17 estados)**

1. **Ceará**:Trouxe: Expectativa e curiosidades em relação ao trabalho dos outrosestados na gestão ambiental dos recursos hídricos. Levou: a motivação e a certeza da responsabilidade de um senso comum e das diversas possibilidades de sensibilizar o Poder Legislativo e Executivo a trabalharem em conjunto a gestão de recursos hídricos, envolvendo cada vez mais os promotores de justiça na busca de soluções para os problemas das bacias. Compromissos: Compromisso de uma gestão de recursos participativa e compartilhada, buscando a parceria dos diversos setores da sociedade; sensibilização dos promotores de justiça do estado do Ceará (em cada bacia hidrográfica) com o intuito de mobilizar os gestores municipais, estaduais e federais, bem como a sociedade geral sobre a importância da educação ambiental na gestão das águas no estado.
2. **Tocantins**:Trouxe: uma mala de dúvidas, uma grande vontade de aprender,curiosidades e trocas de experiências. Levou: uma bagagem de experiência de outros comitês, energia para novos desafios e confiança sobre estar no caminho certo, uma nova visão sobre a educação ambiental. Compromissos: Curto prazo – Criar a Câmara Técnica de Educação Ambiental, resgatar os compromissos dispostos na Carta do Fórum de Águas do Tocantins e replicá-los nas bacias do estado; Médio Prazo –

Possibilitar que um número maior de pessoas atue como educadores ambientais, disseminando a política para todos os comitês do estado; Visão de Futuro – Buscar através de projetos sustentáveis a recuperação de nascentes e matas ciliares, bem como trabalhar na captação de recursos para a abertura de canais e perenização dos rios.

3. **Rio de Janeiro**: Trouxe: Experiências e conhecimentos, expectativas de ampliar os conhecimentos, conhecer pessoas e trocar experiências e a esperança de transformar a educação ambiental em ferramenta de integração transversal. Levou: A certeza de que por mais que tenhamos problemas, nossos comitês estão bem adiantados no processo de implantação da Política Nacional dos Recursos Hídricos em relação ao contexto nacional, a visão de uma educação ambiental como instrumento de gestão voltado para

o fortalecimento dos movimentos populares, compromisso com o diálogo intercultural e a valorização do intercâmbio de saberes. Compromissos: Curto prazo – Partilhar os conhecimentos, pressionar os comitês para a execução de projetos, a educação ambiental inserida no plano de gerenciamento de bacias; Médio Prazo – Divulgar o comitê de bacia através da educação ambiental, acompanhar os projetos e propor novos, estimular a participação social, trabalhar para que o comitê reconheça a real importância da educação ambiental na gestão das águas e na formação da cidadania; Visão de Futuro

– Criação e fortalecimento de câmaras técnicas de educação ambiental nos comitês e subcomitês, melhorar o equilíbrio das bacias hidrográficas, divulgação dos comitês e a sua importância para a sociedade, divulgar o amor à água.

4. **Mato Grosso**: Trouxe: Muitas expectativas de ampliar conhecimentos e a vontade de matar saudade. Levou: muitas informações, muitos contados, experiências a serem aplicadas, mais saudade e novas recordações. Compromissos: Curto Prazo – Implementar as atividades aprendidas, ampliar as ações e projetos existentes como pacto da nascente do Pantanal, promover a criação de câmaras técnicas de educação ambiental nos comitês de bacia no CEHIDRO; Médio Prazo – Promover novas ações, buscar parcerias e recursos financeiros, capacitar técnicos, promover a divulgação dos comitês da bacias e motivar a sensibilização e mobilização da sociedade; Visão de Futuro – Reavaliar o plano estadual de recursos hídricos, observar detalhamentos dos planos de bacia, articular com outros segmentos para reformular as ações formais e informais de educação ambiental.

1. **Paraíba**:Trouxe: Vontade de aprender, compromisso, material produzido pelaCoordenação de Educação Ambiental/ SUDEMA–PB (sabão artesanal). Levou: Material didático, muitas informações, troca de experiência com os grupos, contatos, amigos verdadeiros, experiências. Compromissos: Curto Prazo – Informar e repassar material didático, sensibilizar técnicos, levar informações para as áreas indígenas; Médio Prazo – Visita aos comitês, sensibilizar e mobilizar os comitês já exisentes; Visão de Futuro – Comitês cumprindo seus papéis, comitês ensinando/estimulando novos grupos.
2. **Goiás**:Trouxe: Experiência e vivência na formação de comitês de bacias, aexperiência em grupos de trabalhos de educação ambiental, o crescimento a partir dos 2

primeiros Encontros Formativos, o amor e o respeito pela vida e pela natureza. Levou: A troca de experiências com as diversas regiões do país, a participação das tribos indígenas no encontro e a real integração no processo participativo dos CBH’s,

Ampliação dos conhecimentos, contatos, a unidade na diversidade. Compromissos: Curto Prazo – Compartilhar com os comitês de bacias os saberes aprendidos, apresentar as experiências vividas no evento, equipar as secretarias executivas dos CBH’s, implantar 3 comitês, buscar novas atitudes para implantação de projetos, buscar novos parceiros, desenvolvimento do plano de bacias ; Médio Prazo – Expandir a consciência de que água é vida e não um produto, trazer os saberes indígenas para desenvolver uma melhor relação com a natureza, capacitar membros e técnicos de todos os comitês, implantar mais um comitê no norte do Estado; Visão de Futuro – Elevação da consciência de que somos parte integrante da natureza e que devemos unir nossos pensamentos palavras e ações sobre um mesmo objetivo, expandir o programa Produtores de Água, criação da agência de cobrança, ter os onze comitês implantados, criar um Fórum Estadual.

7. **Distrito Federal** (CBH Paranoá): Trouxe: A vontade de aprender e entender as experiências de outros CBH’s quanto à Educação Ambiental. Levou: A certeza do papel imprescindível da Educação Ambiental para a gestão democrática dos recursos hídricos. Compromissos: Curto Prazo – Relato do encontro em plenária/repasse do material informativo, divulgação dos marcos legais “Água e Educação Ambiental” e discussão de ações inerentes, retomar as discussões de um Grupo Técnico de Educação Ambiental no CBH Paranoá; Médio Prazo – Articular ações conjuntas com ANA, MMA/SAIC, CTEM/CNRH, ações de sensibilização/ capacitação: interna (membros) e externa (comunidade em geral, órgãos de governo, associações, etc.); Visão de Futuro – Implementação do plano de Bacia (a ser elaborado) e programa de Educação Ambiental, Criação da Câmara Técnica de Educação Ambiental.

8. **Mato Grosso do Sul**: Trouxe: Receio do desconhecido, angústias pela gestão do voto vencido, dúvidas quanto à exequibilidade da gestão enquanto sistema, vontade de voltar a Ouro Preto 33 anos depois, poucas experiências em Educação Ambiental. Levou: Esperanças, contatos com pessoas e instituições de bem, planos, projetos e vontade de agir, paciência, o Barroco do olhar alto, as pedras das ruas ladeiras, vontade de voltar a Ouro Preto. Compromissos: Curto Prazo – Ser menos universidade, elaborar

plano de ação para a Câmara Técnica em Educação Ambiental, a consciência de que já começo a agir, reunir CTEA e socializar, expor resumo das discussões do Encontro no CBH, estreitar contato com SRHU, DRH e FUNAI, oxigenar a CT com motivação para o trabalho; Médio Prazo – Aproximar dos Produtores Rurais nos Sindicatos e Associações, levar um evento nacional para a bacia, levar a ITAIPU até a bacia que assoreia o reservatório, subir o rio em evento amplamente divulgado para a sensibilização sobre os recursos hídricos, identificar aas comunidades tradicionais na bacia e inseri-las na gestão dos recursos hídricos; Visão de Futuro – Um comitê forte, cultura da bacia hidrográfica, gestão das águas incluindo latifundiários, pecuaristas, sojicultores e o setor sucroenergético, a visibilidade das águas do MS e do Ivinhema.

9. **São Paulo**: Trouxe: Experiências, expectativas, parcerias das CT-EA, projetos de âmbito regional. Levou: Contatos, novas experiências, conhecimento de valores de outras culturas (indígenas, principalmente). Compromissos: Curto Prazo – Informar/divulgar as experiências e conhecimentos obtidos no evento principalmente nas comunidades profissionais que trabalham na gestão das águas; Médio Prazo – Buscar, conhecer e inserir novas comunidades na gestão de recursos hídricos, cumprir planos de trabalho da CT/GT EA em geral; Visão de Futuro – Inserir novas comunidades no CBH (pescadores, quilombolas, indígenas, ribeirinhos), Tornar a bacia hidrográfica sustentável em todos os aspectos.

1. **Maranhão**:Trouxe: a expectativa, as experiências do estado, possibilidades deintercâmbio, compromisso em repassar os conhecimentos vivenciados, dúvidas. Levou: Conhecimentos (esclarecimento), relações institucionais, motivação, histórias de vida. Compromissos: Curto Prazo – Retomar a mobilização dos CBH no Maranhão, integrar as ações da educação ambiental com a gestão de recursos hídricos, regulamentar FERH; Médio Prazo – Instituir os comitês de bacia dos rios Murim e Mearim, promover a capacitação dos membros de comitês; Visão de Futuro: Instituir os comitês dos rios Itapecuru e do Sistema Hidrográfico da Ilha.
2. **Paraná**:Trouxe: Vontade de aprender, ouvir, entender o contexto das demais

bacias/ CBH’s. Levou: Experiência, interação, troca de informação com os demais

CBH’s. Compromissos: Curto Prazo – Comunicação, divulgar, organizar as informações e as ações envolvidas em nossa bacia, no nosso CBH; Visão de Futuro -

Desenvolvimento de projeto, fazer estudos e imersões para diagnosticar a gestão das

água de um modo mais participativo.

1. **Bahia**:Trouxe: Experiência para trocar, conhecimento, saberes, fazeres eanálises, a cultura do nosso estado, crítica para construir rotas propositivas para solução de problemas, motivação, esperança no sonho construtivo com várias mãos, sentimentos, ferramentas educativas. Levou: Experiências, conhecimentos, motivação, amizades, compromisso, esperança, força, sonho, história e cultura de Ouro Preto. Compromissos: Curto Prazo – Colaborar com a coletividade, compartilhar com os colegas para avaliar a situação em que nos encontramos e que ações que devem ser traçadas, socorrer semelhantes e o meio ambiente; Médio Prazo – planejamento de ações para aplicação das praticas educativas dialógicas, integrar-me ao comitê de bacia (pessoal); Visão de Futuro – Ampliação das atividades de educação ambiental, sócio hidro ambientais e colher resultados.
2. **Espírito Santo**:Trouxe: Muitas dúvidas e questionamentos e a experiência que

vivemos no Espírito Santo, um estado praticamente coberto por CBH’s, mas que não fazem a gestão de recursos hídricos por falta dos instrumentos de gestão. Levou: Muitos materiais, troca de experiências, quebra de paradigmas, a importância das ações de Educação Ambiental. Compromissos: Curto Prazo – Compartilhar informações do Encontro, procurar parcerias para a implantação dos instrumentos de gestão dos recursos hídricos, em curto, médio e longo prazo; Médio Prazo - atingir 100% de cobertura dos CBH’s no estado, estimular e garantir a participação das comunidades indígenas nos CBH’s, fortalecer a Educação Ambiental nos CBH’s, Visão de Futuro –

Cobrar do Poder Público a execução de programas de recuperação das matas (ex: Produtores de Água e Reflorestar), divulgação da atuação dos CBH’s junto às comunidades indígenas locais, criação e fortalecimento da bacia Itabapoana.

14. **Minas Gerais**: Trouxe: Expectativas, curiosidade, vontade de aprender, um pouco do nosso saber, mente aberta, esperança, desejo de mostrar um pouco das culturas tradicionais, indignação, angústia, ansiedade, insegurança, vontade de mudar o nosso espaço e o espaço geral. Levou: Conhecimentos (como fazer), aprendizado, decepção com o papel do estado (falta de papel do estado), novos objetivos, novas metas e novos métodos, vontade e algumas ideias para reestruturação do gerenciamento das águas.

Compromissos: Curto Prazo – Formação da Câmara Técnica de Educação Ambiental, integrar os órgãos, os municípios, as pessoas com os comitês, planejamento e construção do plano diretor da gestão das águas, fortalecimento e visibilidade dos comitês, necessidade de integrar e ampliar a participação das populações tradicionais aos comitês de bacia; Médio Prazo – Criação de uma comissão de mobilização e material de divulgação de educação ambiental, captação de recursos financeiros, encontros e experiências com a participação de educadores formais e não formais; Visão de Futuro – Fortalecer parcerias para concretizar a educação ambiental, realização de um Fórum de Educação Ambiental e a criação de indicadores de educação ambiental para identificar o avanço da mesma.

**2- Encerramento**

Após considerações finais, o III Encontro Formativo Nacional de Educação Ambiental e Gestão de Águas e I Encontro de Educação Ambiental e Gestão de Águas da Bacia do Rio Doce foi encerrado.

**RELATORES**

**Danielli Fittipaldi**

**danielli.fittipaldi@gmail.com**

Engenheira Ambiental e mestranda em Sustentabilidade Socioeconômica Ambiental pela Universidade Federal de Ouro Preto.

**Davi Victral**

**davi.victral@live.com**

Engenheiro Ambiental e mestrando em Engenharia Ambiental – Tecnologias Ambientais pela Universidade Federal de Ouro Preto.

**Shalimar Borges**

**shalimarsborges@gmai.com**

Engenheira Ambiental e mestranda em Engenharia Ambiental – Tecnologias Ambientais pela Universidade Federal de Ouro Preto.

**Thais Simões**

**thaissimoes2004@gmail.com**

Engenheira Ambiental e mestranda em Geotecnia Ambiental pela Universidade Federal de Viçosa.